

ISOLAMENTO SOCIAL DO SURDO EM OBRAS ADAPTADAS PARA A COMUNIDADE SURDA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

SOCIAL ISOLATION OF THE DEAF IN WORKS ADAPTED FOR THE DEAF COMMUNITY: A SEMIOTIC ANALYSIS

João Batista Alves de Oliveira Filho Oliveira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

joao.filho@ufca.edu.br

Resumo. O presente trabalho apresenta o resultado de uma análise semiótica da obra Feijãozinho Surdo. Essa obra é adaptada em formato verbo-visual contendo ilustrações e escrita do português e Libras. As bases teórico-metodológicas utilizadas foram a de análise de sentido apoiando-se em Bakhtin e Brait. Adotamos a metodologia qualitativa de caráter documental com técnica de análise da produção de sentido no texto verbo-visual. Emergiram dos dados o isolamento social como um aspecto da comunidade surda.

Palavras-chave: Comunidade surda. Literatura surda. Escrita de sinais. Ideologia.

Abstract. The present work presents the result of a semiotic analysis of the work Feijãozinho Surdo. This work is adapted in verb-visual format, containing illustrations and writing in Portuguese and Libras. The theoretical-methodological bases used were the analysis of meaning based on Bakhtin and Brait. We adopted a qualitative methodology of documental character with the technique of analysis of the production of meaning in the verbal-visual text. Social isolation as an aspect of the deaf community emerged from the data.

Keywords: Deaf community. Deaf Literature. Sign writing. Ideology.

1. INTRODUÇÃO

Os costumes são criados nas relações sociais e influenciados pelos locais, segundo Hall (1997, p. 21), “estes são apenas alguns dos deslocamentos das culturas do cotidiano. Mas há também mudanças e transformações na vida local e no cotidiano que foram precipitadas pela cultura”, assim, falar de cultura significa falar de lugar e vida que cria a sociedade e grupos como: negro, indígena, surdo e outros. Compreendemos cultura como: “um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições” (PADDEN; HUMPHIRES, 2000, p. 5). Dessa forma, a cultura é formada por vários tipos de culturas do mundo. Por meio do contato interpessoal, os povos criam línguas, culturas e sociedades, portanto, a cultura é importante para a sociedade. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso (HALL, 1997, p. 16).

Por outro lado, na comunidade surda, a cultura se manifesta e se constitui pelas experiências visuais. A visualidade faz parte da natureza surda. Todos os dias, o surdo tem contato com o mundo por meio da visão. Fazendo uma analogia com a natureza, é de forma natural que a criança surda tem sua aquisição de conhecimento baseado no estímulo

visual. A partir da concepção da cultura visual, o olhar para o surdo muda seu foco, passa a focar a comunicação com as mãos, no entanto, a comunidade ouvinte tenta padronizar o comportamento do surdo nos moldes da norma ouvinte pautada em uma concepção de cultura predominantemente monolíngue.

Segundo os autores Pizzio e Quadros (2011, p. 63), em suas pesquisas sobre aquisição da linguagem, as crianças ouvintes e surdas passam por processos diferentes de aprendizagem e desenvolvimento. Um problema recorrente é que os surdos apresentam atraso de aprendizagem na escola, por não ter sido submetido à aquisição de língua na família. O ideal seria aprender na seguinte ordem: ter a língua de sinais como língua materna e a língua portuguesa ou outras como segunda língua (L2). Isso tornaria possível o desenvolvimento em tempo adequado, por isso é necessário reorganizar a proposta curricular na escola, priorizando a disciplina de Libras, para que as crianças surdas aprendam e seja possível o seu desenvolvimento cognitivo e incentivar as famílias para aprenderem a Libras assim que descubrem que o filho é surdo.

Quando a família impõe a língua do ouvinte ao surdo, tenta corrigir o irreparável: a surdez, mais preocupados com a sociedade ouvinte que não conhece a comunidade surda que com o desenvolvimento do filho, acaba por impor-lhe atraso no desenvolvimento. Isto é uma prática ouvintista. Veja a figura 1. Skliar (2013, p. 15) explica sobre ouvintismo ao afirmar:

o ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.

Figura 1 - Imposição da língua do ouvinte



Fonte: do autor

A partir dos contextos sócio-históricos os povos criam suas culturas, mas, os surdos não têm uma regularidade na criação de suas próprias culturas devido à negação de suas

próprias especificidades. A cultura se inicia no seu contato com seus pares em língua de sinais que pode ser com a mãe surda ou ouvinte falante de língua de sinais. Por meio dessa língua, o surdo consegue expressar-se, apreender conhecimentos e desenvolver valores da cultura surda.

Os povos surdos olham para suas trajetórias vivenciadas no passado e no presente e percebem muitas realizações deslumbrantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural de surdos é longa e complexa, existe há dezenas de milhares de anos, os povos surdos usam inúmeros meios de se comunicar através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais (STROBEL, 2016, p. 74).

O elemento fundante da comunidade surda é a língua de sinais e a cultura visual. Sua experiência com as mãos é muito forte na sua subjetividade e na sua identidade.

O domínio da cultura não é uma entidade espacial qualquer. Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras, sem estas ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre. Enfim, deve-se dizer que nem um ato vive nem se movimenta no vazio, mas na atmosfera valorizante, tensa, em um mundo vivo e também significativa, assim proporcionando e proporcionado pela cultura em determinado tempo e espaço (ALMEIDA, 2012.).

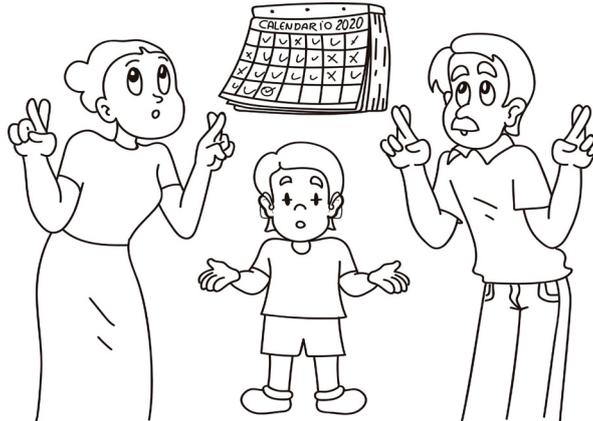
Assim, a sociedade para ter contato com a língua de sinais precisa frequentar a comunidade surda, participar de ambientes de surdos ou frequentados por surdos, tais como: associações dos surdos, escolas de educação básica e o meio acadêmico que tem surdos, eventos dos surdos, igrejas, espaços políticos e lugares diversos.

O problema social relacionado à surdez surge da preocupação do ouvinte por não saber o que fazer e quais caminhos trilhar com o filho surdo. Antes, a família sonhava alto com um filho maravilhoso que teria plena comunicação com os pais, tios, primos e avós, mas ao descobrir que a criança é surda, a família fica chateada, decepcionada. Pensa que o sujeito surdo é incapaz. Os pais levam o filho ao médico que comumente aconselha não permitirem a criança aprender língua de sinais.

No entanto, quando os pais surdos levam seus filhos surdos aos médicos e profissionais da área, estes os aconselham a não usarem a língua de sinais, alegando que isso provocaria atraso na aquisição da língua portuguesa e encorajando-os a colocarem aparelhos nos seus filhos, argumentando que ouvir som e aprender a falar é melhor do que nada (STROBEL, 2016, p. 58).

A família ouvinte acredita que o médico obviamente pesquisa e é amparado pela ciência da saúde. Com isso, os pais insistem na tentativa de tornar o filho surdo em ouvinte. “Questionam: será que o surdo vai curar? Será que o meu filho surdo um dia ouvirá? Ele será aceito na sociedade? Terá uma vida normal?” (STROBEL, 2016, p. 59). Estas são questões recorrentes. Não imaginam aceitar a língua de sinais. Veja a figura 2.

Figura 2 - Tomara que cure a surdez.



Fonte do autor

Pais esperam por meses na tentativa de conseguir que o filho surdo ouça como um ouvinte. Quando haverá cura para o surdo? Quanto tempo? Quantos anos? Essas expectativas causam problemas para as crianças surdas: atraso na aprendizagem e na descoberta da identidade surda. A maioria da sociedade não conhece a comunidade surda.

A marca da cultura e identidade surda é a língua de sinais porque é por meio dela que os surdos relatam suas experiências e histórias. Atualmente, o povo surdo possui a literatura surda. Ela é muito bem vinda porque significa acessar as culturas por meio de adaptações para os povos surdos e assim integram a cultura surda. “A literatura Surda traz histórias de comunidades surdas, os processos sociais e as práticas discursivas relacionadas que circularam em diferentes lugares e em diferentes tempos” (MOURÃO, 2011, p. 50).

Não é fácil definir a Literatura Surda. Como não há uma definição ou uma única conceituação para literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda... Há vários anos que se alteram os seus significados de literatura até os dias de hoje (MOURÃO, 2011, p. 20).

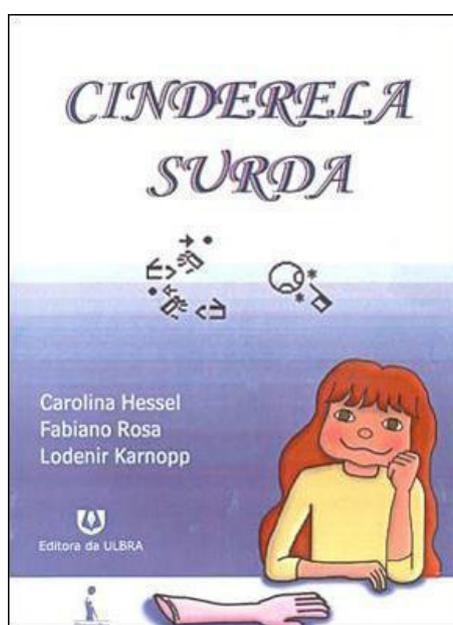
De acordo com a experiência da comunidade surda a manifestação literária acontece de forma visual, por meio da sinalização com as mãos em sua maioria, isso torna a entrada no mundo do surdo uma novidade. Para os ouvintes a não sonoridade é estranha. O povo ouvinte não se acostuma com essa característica, pois sente necessidade da sonoridade. Peixoto (2016, p. 30) afirma que

ao ter o primeiro contato com a comunidade surda e deparar-se com a vivência de mundo por meio de informações visuais e não sonoras, a experiência é repleta de novidades. As especificidades são constatadas: na forma silenciosa de aplaudir, diferente do tradicional barulho gerado pelas batidas das palmas das mãos; na possibilidade de “falar de boca-cheia”, pois não é a boca que precisa estar livre para a comunicação na hora da alimentação, mas as mãos; na luz sendo acesa e apagada para chamar a atenção de pessoas surdas em reuniões, ao invés do uso tradicional do microfone; no uso doméstico da campainha luminosa substituindo a

campanha sonora; nos pés sendo unidos em momento de reza/oração ao invés das mãos.

A cultura e identidade surda cria a comunidade surda que reúne os pares com experiências de vida iguais. O imaginário dessa comunidade é possível ser representado na literatura surda. Por meio dela, o surdo pode partilhar suas vivências bem como sua sinalização. Assim, vemos as manifestações literárias de vários tipos nela: histórias, contos, comédia, poesia e outros. No caso do texto literário Cinderela, a comunidade ouvinte ao ler sua adaptação: “Cinderela Surda” tende a imaginar que seja a mesma história porque mantém o nome de base e remonta essa ideia. No entanto, a história sofreu adaptações tornando-a diferente do texto original, ver figura 3.

Figura 3 - Livro de Cinderela surda



Fonte: Hessel, Rosa e Karnopp (2003)

Na área da comunidade surda, há a necessidade de adaptação das histórias porque o aspecto humano é igual, mas as culturas são diferentes. Na história original, Cinderela é ouvinte e usa um sapato de cristal que ao fugir o perde. Nessa história, Cinderela é surda e usa luva, ver a figura 4.

Figura 4 - Luva

ARTIGO
Línguas de Sinais: Identidades e Processos Sociais
Grupo de Estudos e Subjetividade



(As figuras mostram, respectivamente, a alegria ao conversar com pessoas falantes da língua sendo que, na primeira, Cinderela comunica-se com surdos que mantivera contato nas ruas de Paris e a segunda mostra o

© ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.34-46, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

43

Fonte: Cinderela Surda (HESSEL, ROSA; KARNOPP, 2003)

A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como signwriting (SILVEIRA, ROSA; KARNOPP, 2003, p. 5).

Segundo Peixoto (2016, p. 22), “afinidades de vivências, de crenças, de valores, de práticas que refletem nas produções literárias destas pessoas em determinada época e local”. As manifestações literárias do povo surdo trazem o valor pertencente à língua da comunidade surda e vivências que são reconhecidas pelo povo.

Nesse contexto, não podemos deixar de pontuar que os cursos de Letras-Libras deram uma importante contribuição para a área da Literatura surda e em Libras sinalizada e escrita, pois iniciaram as produções por meio das disciplinas de literatura surda em que há muitos conteúdos sobre cultura e identidade. Assim, os alunos aprenderam a gravar vídeos de suas produções sinalizadas de literatura surda.

Nesse momento, está havendo uma disseminação da literatura surda por meio de filmes produzidos e disponibilizados na internet. Um exemplo é a produção literária “O Mundo de Netinho”, ver QR code da figura 5, publicado no youtube em 2019. Esse filme é uma forma de entrar no mundo dos povos surdos. Nele, há a sinalização em língua de sinais e a sua modalidade escrita ao longo das cenas. Há diversas histórias que representam as

barreiras enfrentadas pelo surdo. Esse filme foi produzido por um aluno de Letras/Libras da UFC, em Fortaleza, como trabalho da disciplina Literatura Surda. A partir de experiências como essas, consideramos que os cursos de Letras Libras têm ajudado por meio da disciplina Literatura Surda na criação de materiais impressos e filmicos pelo próprio surdo.

Como vemos com o passar do tempo, os povos surdos tiveram a necessidade de registrar suas atuações do cotidiano, como as várias conquistas, língua de sinais, tradições culturais, entre outros, e com isto surgir a literatura surda! (STROBEL, 2016, p. 74)

Figura 5 - Filme: O mundo de netinho



Fonte: Oliveira-Filho (2019)

Assim, a história dos surdos expressa totalmente em língua de sinais seus valores, incluindo a escrita de sinais, porque é uma forma de registro importante, assim como as representações imagéticas que constituem os livros literários. Várias representações sociais e identitárias são trazidas pelas produções artísticas da comunidade surda, portanto, muito importante observar as produções de sentido que ela traz. Aqui propomos explorar esses sentidos por meio da teoria bakhtiniana.

2. SENTIDO

As palavras possuem significados sociais compartilhados em contextos interacionais. A palavra-signo é como uma palavra qualquer cujo significado é apreendido pelas pessoas/objetos. “O signo linguístico participa do comportamento comunicativo humano, que se manifesta em todos os campos da vida” (SOBRAL, 2009, p. 77)

Almeida (2012) afirma que na teoria bakhtiniana, a palavra é realidade:

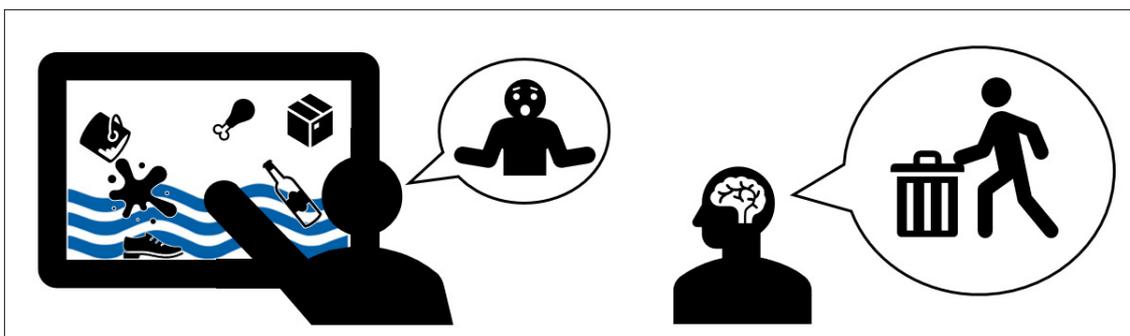
de início, Bakhtin é contundente em afirmar que tudo que é ideológico é signo. E ele vai mais além ao dizer que o signo não se constitui fora de uma realidade material, mas reflete e refrata outras realidades. Os signos somente emergem e podem existir dentro da interação social, adquirindo significação dentro de uma realidade material e concreta. Eles comportam em si índices de valores que espelham e constituem os sujeitos que os utilizam e a realidade social por onde circulam. Tais índices operam como arenas de lutas em que diferentes ideologias entabulam entre si relações

dialógicas e disputas pelos sentidos. Dentro do universo da linguagem, o signo tem seu espaço particular por operar como uma ponte entre a língua sistêmica e a realidade sócio-histórica, articulados pela ideologia. Assim, podemos dizer que o signo se dá em uma encruzilhada tripartite e inseparável: uma parte de material, uma parte de materialidade sócio-histórica, e uma parte do meu ponto de vista (ALMEIDA, 2012).

Adotando como foco de análise o signo linguístico, podemos afirmar que há uma diferença entre objeto e palavra. A ideologia encontra-se nos sujeitos que é expressa por meio da interação verbal por meio dos signos ideológicos. Assim, a pessoa em contato com um objeto ativa sua ideologia e faz julgamento de valor. Ver exemplo na figura 6.

A ideologia é essa dupla face que faz com que o signo se mantenha na história e também se transforme na interação verbal. Podemos definir a ideologia, portanto, como um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta. (ALMEIDA, 2012, n.p.).

Figura 6 - Ideologia



Fonte do autor

A partir da figura 6, um determinado sujeito, ao se deparar com a imagem de um rio poluído, percebe a necessidade de organizar lixeiras para evitar danos ambientais como as enchentes em época de chuvas. A sua vivência possibilita apreender o contexto sócio-histórico que está inserido. Assim, a imagem também é um signo ideológico. A palavra “ideologia” possui uma significação social qualquer representada em signos partilhados entre seres interactantes.

“A ideologia não pode ser deduzida a partir da consciência, como fazem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (BAKHTIN, 2018, p. 97).

Dessa forma, há uma diferença entre a concepção de ideologia e de objeto. Uma pessoa vê o material mesa na qual não há uma ideologia necessariamente porque mesa

é instrumento apenas. A partir da experiência da pessoa com a mesa e seu uso enquanto signo surge a ideologia.

Reforçando esse entendimento, a ideologia poderia caracterizar-se, na perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Seguindo esta linha de raciocínio, também pode-se ver ideologia como uma representação. Isso porque se dá na/pela linguagem. Precisa dela para poder manifestar-se e essa é caracterizadamente representativa (simbólica) e constituída por signos ideológicos. Isso significa que esses signos não só denominam um ser no mundo, mas também fazem referência a uma outra realidade fora da imediata (ALMEIDA, 2012, n.p).

Com base em Bakhtin, ao pensar em palavra, fala-se em ideologia, signo, significado e sentido que se realizam nos indivíduos, ver figura 6.

O sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos. Há assim a interação entre o domínio da construção ideológica do psiquismo e o domínio da participação do psiquismo na construção ideológica da realidade que podemos perceber nos signos da linguagem, nas representações do mundo pela linguagem. A construção ideológica do mundo afeta o psiquismo, mas não pode existir sem ele; ela e o psiquismo estão inseridos no ambiente social e histórico, marcado por divisões de vários tipos, que é tanto seu contexto e condição de possibilidade como produto de sua ação: assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente (SOBRAL, 2009, p. 48).

Uma possibilidade de análise da produção da área da surdez é a semiótica com base em Bakhtin. O texto verbo-visual se constitui da união entre a o texto verbal e o visual de forma que se torna uma unidade de significação, pois, para a semiótica a imagem também é um texto. Mendes (2011) afirma que, para a semiótica, texto é qualquer expressão de conteúdo.

Não seria excessivo lembrar que a possibilidade de leitura de um enunciado visual tem sido, ao longo dos estudos da linguagem, objeto de diferentes disciplinas, em diversos momentos, caso da Semiologia, da Semiótica, da Nova Retórica, para citar apenas algumas. Neste trabalho, o enfrentamento da verbo-visualidade, sem ignorar a importância e a produtividade de cada uma dessas disciplinas, situa-se nas sugestões do pensamento bakhtiniano, conforme desenho teórico-metodológico esboçado, cuja produtividade será experimentada na leitura da palavra mandioca, surpreendida em três momentos (BRAIT, 2009, p. 146).

Nascimento (2013, p. 229) esclarece que o verbo-visual no gênero jornalístico televisivo, no qual há janela de tradução/interpretação de língua de sinais que a edição do Programa Sentidos organiza os elementos: textos, imagens, logomarca e a janela de intérpretes.

“A edição final do Programa Sentidos é realizada com um planejamento para a inserção do intérprete: o G.C¹ e as imagens que ocupam toda a disposição da tela e todos os possíveis elementos verbo-visuais são organizados buscando não ocupar o espaço destinado para a interpretação” (NASCIMENTO, 2013, p. 229).

O verbo-visual está caracterizado no exemplo anterior como composto por imagem, texto imagético e linguístico sendo esse último em duas línguas: português oral e Libras sinalizada. A pesquisa de Nascimento (2013) foca na tradução/interpretação no jornalismo e como são organizados cada um dos elementos: imagens, texto e intérprete que no total, juntos formam um único verbo-visual. No caso deste trabalho o texto analisado foi o verbo visual composto por imagem e duas línguas escritas: português e Libras.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o alcance do objetivo de análise de sentido do texto verbo-visual escolhemos trabalhar com a pesquisa de natureza qualitativa, de delineamento e técnica documental, com o objetivo de descrever as ocorrências da verbo-visualidade na literatura em Libras (PONTE, OLIVEIRA, MOURA; BARBOSA, 2007).

3.1. CORPUS

De modo geral, as adaptações de obras produzidas foram: “O Feijãozinho Surdo” (2009); “Cinderela Surda” (2003); “Rapunzel Surda” (2003); “Ivo” (2003); “A Cigarra Surda e As Formigas” (2004); “Negrinho e Solimões” (2014); “Onze histórias e Um Segredo” (2016); “Branca de Neve Surda” (2020) e “Chapeuzinho Vermelho Surda” (2020). Porém, o corpus foi constituído da obra de literatura surda, Feijãozinho Surdo. Essa obra é composta por uso de recurso imagético e escrita em português e em Libras pelo sistema SW. Trata-se de uma obra verbo-visual.

3.2. ANÁLISE DOS DADOS

A análise da obra foi realizada a partir da sua verbo-visualidade, assim, considerando todos os elementos que a compõe. Foram analisadas as produções de sentido trecho a trecho da obra para finalizar observando os sentidos produzidos na obra como um todo. O sentido foi analisado em contextos de produção de forma que a história precisa representar elementos de cultura surda por que é ela fundante da comunidade surda. Consideramos que a

palavra, entendida como sentido dado exclusivamente no texto, pelo texto ou por um contexto externo à sua constituição enquanto linguagem. Consequentemente a concepção de palavra, assim como a de texto, advinda do Círculo enfrenta as especificidades dos planos de expressão, considerando as esferas ideológicas, os sujeitos aí constituídos e a tensão entre os discursos (BRAIT, 2009, p. 146).

1 Gerador de Caracteres (GC)

Consideramos que os pares de páginas possuem uma unidade de sentido, que a sua junção na formação do livro é também uma unidade de sentido. Dessa forma, as partes são enunciados concretos e sua junção o enunciado concreto maior como afirma Brait (2009).

4. O ISOLAMENTO SOCIAL

De acordo com Kuchenbecker (2009), Feijãozinho surdo tinha 4 anos de idade quando aprendeu a língua de sinais, a mãe não entendia a história do Feijãozinho surdo e os pais descobriram que o filho tinha as mãos e os abraços estranhos. O filho, sem perceber a estranheza dos pais, era alegre. Porém, depois começou a se sentir sozinho e tinha o olhar triste e voltado para o chão. Depois brotou da terra uma Fada feijão. A Fada fez uma mágica para Feijãozinho surdo começar a sinalização em língua de sinais, ver figura 7.

Figura 7 - Mágica da língua de sinais

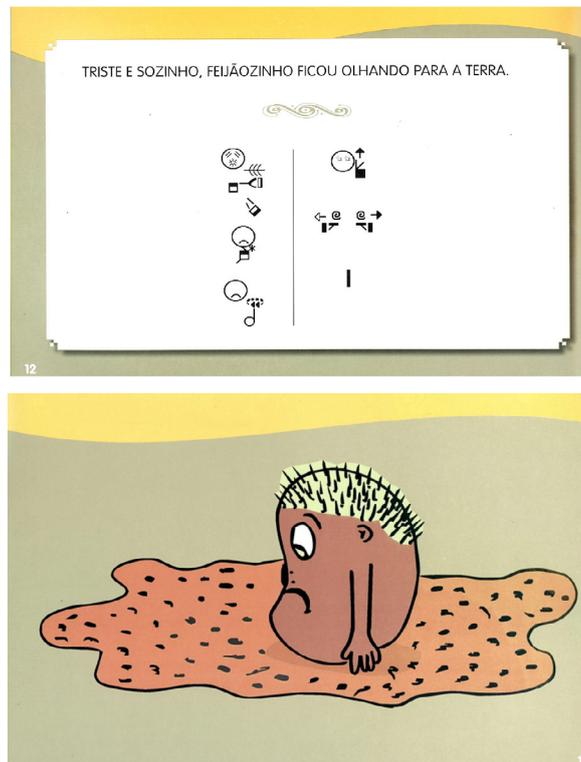


Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 17)

A Fada feijão levou os pais para apresentar as escolas: regular e específica de surdos. A escola regular tinha crianças ouvintes e um intérprete de língua de sinais e a específica de surdos que tinha as crianças todas surdas e um professor falante de língua de sinais.

A partir dessa adaptação vários elementos da cultura surda foram retratados, aqui estamos expondo apenas o elemento “isolamento social”. Nas páginas 12 e 13 de Feijãozinho Surdo, o enunciado verbo-visual traz a sensação de tristeza de Feijãozinho por estar sozinho no mundo dos ouvintes. Nesse mundo, o surdo só observa os falares orais das pessoas e se isola. No enunciado imagético, há a representação da solidão ao colocá-lo sozinho no ambiente, com olhar fixo para o chão e seus braços não mais balançam. Essa representação imagética das mãos nos conduz perceber que não há uma comunicação de Feijãozinho com a família. Essa é uma representação do sofrimento vivenciado pelo surdo quando vive inserido no mundo dos ouvintes: família, escola e ambiente social. Veja a figura 8.

Figura 8 - Sozinho Feijãozinho surdo



Fonte: Kuchenbecker (2009, p. 12 e 13)

Nesse convívio, as falas expressam a cultura do ouvinte que é diferente para o surdo. Esse isolamento social ainda existe hoje, principalmente no interior, como afirma Strobel:

tem outros sujeitos surdos no interior, na zona rural, por exemplo na roça, que são isolados e não têm contato com a comunidade surda, mesmo assim compartilham as mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua formação de mundo através de artefato cultural visual independente de grau linguístico, que podem ser os gestos *caseiros*² [grifo nosso] (2008, p. 32)

O isolamento social de Feijãozinho surdo retrata a realidade de muitas crianças surdas em famílias de ouvintes. Há porcentagem elevada de os surdos serem os únicos em famílias com maioria de ouvinte.

A chegada da Fada feijão representa alguém que guia o surdo isolado à comunidade surda e dá orientação aos pais sobre a cultura surda e a necessidade de comunicação em língua de sinais com seus filhos. Em geral, é no contexto educacional que o surdo adquire língua e é inserido na comunidade surda. Portanto, a literatura surda precisa ser trabalhada nesse contexto para acessar conhecimento sobre sua própria cultura e desenvolver-se intelectual e efetivamente.

² “Gestos caseiros” é o termo usado pelos pesquisadores e linguistas que designa a comunicação dos sujeitos surdos que, quando são isolados e não têm acesso à língua de sinais e nem à língua portuguesa, usam gestos e dramatizações para se comunicar.

O acesso à literatura adaptada ou não interfere diretamente no desenvolvimento de personalidade do sujeito tendo em vista que esta pode ser o único contato com a sua identidade, pois muitas crianças surdas têm relação somente com a comunidade ouvinte, sendo que seus pais e familiares são ouvintes, desta forma o isolamento social, por não pertencer ao mesmo grupo, acontece como consequência, acabando por ficar sem contato e no isolamento (MATTER, 2018, p. 18).

A partir desse dado compreendemos que o isolamento social é um aspecto psico-social que está presente na vida do surdo que nasce filho de pais ouvintes e que a literatura surda consegue expressar os elementos culturais da comunidade surda.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra apresenta as ideologias presentes na comunidade surda. Muitas delas são ouvintistas e causa barreiras de inserção social do surdo. Em *Feijãozinho Surdo* há ideologia do valor à comunicação oral o que causa seu isolamento social. Essa ideologia traz a barreira linguística e de acesso escolar. Há uma valorização da escolar regular sobre a escola específica de surdos. A primeira está presa aos valores ouvintistas, enquanto a segunda favorece o pleno desenvolvimento do surdo, por ter nela professores falantes de língua de sinais e surdos com pares linguísticos. Em *Cinderela Surda*, há valores da comunidade surda quando apresenta a história da origem da língua de sinais, a comunicação em língua de sinais e mostra a barreira linguística na família. A cultura surda é apresentada tanto nos textos imagéticos quanto nos textos verbais, tais como a visualidade surda expressa nas ilustrações ricas de informações e bastante importantes.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Fátima. Glossário Bakhtin. Linguagens em interação: teoria dialógica. João Pessoa. [Blog] Coisas internacionais, 6 nov. 2012. Disponível em: <<http://linguagememinteracao.blogspot.com/2012/11/glossario-bakhtin.html>>. Acesso em 21, mar. de 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006, p. 186.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRAIT, Beth. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1, set. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>> Acesso em: 07, jul. 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *In: Educação & Realidade*, v. 22 n. 2, jul - dez. Porto Alegre, 1997. p. 15 – 46.

Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/3030>> Acesso em: 03, mai. 2020.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda** Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2003.

KUCHENBECKER, Liègie Gemelli **O Feijãozinho Surdo**. Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2009.

MATTER, Paulo Augusto. Literatura surda: discursos constituidores de identidades por meio da língua de sinais. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, RS, 2018.

MENDES, Conrado Moreira. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 173-193, 2011. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/975>> Acesso em: 03, set. 2021.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de sinais. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestre em educação). Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. **Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais**. TradTerm, São Paulo, v. 21, p. 213 – 236, 2013.

OLIVEIRA-FILHO, João Batista Alves de; ALVES, Edneia de Oliveira. Uma leitura semiótica da escrita de sinais. *In*: ALVES, Edneia de Oliveira. **Acta semiotica et lingvistica**, V. 24, n. 1. João Pessoa, p. 33-54, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/49039>>. Acesso em: 11 set. 2020.

PADDEN, Carol.; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in america, voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções em língua de sinais no Brasil. João Pessoa, 2016. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba.

PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller de. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universal Federal de Santa Catarina- UFSC, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis, 2011, p. 63.

PONTE, Vera Maria Rodrigues; OLIVEIRA, Marcelle Colares; MOURA, Heber José de; BARBOSA, João Victor Bezerra. Análise das Metodologias e Técnicas de Pesquisas Adotadas nos Estudos Brasileiros sobre Balanced Scorecard: Um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006. *In*: **I Congresso ANPCONT**, 2007, Gramado, v. 1. p. 67-67.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2003.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação. 2013, p.15.

SOBRAL, Adail. **Dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2009.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.